

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

CARLA SALES COSTA

A Presença Africana na Prática de Sarau na Periferia

São Paulo

2020

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

A Presença Africana na Prática de Sarau na Periferia

Carla Sales Costa

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais.

Orientador: Prof. Dr. Silas Nogueira

São Paulo

2020

AGRADECIMENTOS

Primeiramente reverencio meus ancestrais e todo matriarcado da minha família. Agradeço a todos envolvidos no projeto CELACC e ao Prof. Dr. Silas Nogueira pela orientação e principalmente pelo processo pedagógico que me trouxe a conhecimento o autor Muniz Sodré, escolhido para nortear as reflexões dessa pesquisa, autor ao qual também sou grata, por conta de suas contribuições. Agradeço a todes do Sarau Roots, movimento cultural de periferia da cidade de Mauá. A todes que me fortalecem e acreditam que caminharemos e conquistaremos lado a lado devolvendo com amor um pouco do que somos e recebemos nos caminhos da existência. Essa energia de continuidade nagô tornou ultrapassável todos os obstáculos dessa jornada acadêmica.

A Presença Africana na Prática de Sarau na Periferia¹

Carla Sales Costa²

Resumo: A presente pesquisa apresenta reflexões empíricas que defendem a prática de sarau nas periferias como uma manifestação de resgate simbólico e continuidade dos saberes filosóficos e cultura negra. Serão investigados traços de comportamento social, princípios e produções artísticas desses movimentos culturais de periferia, tendo como referência teórica a obra *Pensar Nagô*, cultura de Arkhé de Muniz Sodré. Desse modo, busca-se destacar o sarau de periferia não apenas como movimento de resistência frente as questões estruturais brasileiras, mas também como prática potencializadora do fortalecimento identitário das raízes africanas em territórios periféricos brasileiros.

Palavras-chave: Cultura e Filosofia Africana. Pensar Nagô. Periferia. Sarau.

Abstract: This research presents empirical reflections that defend the practice of evening in the peripheries as a manifestation of symbolic rescue and continuity of philosophical knowledge and black culture. Traces of social behavior, principles, artistic productions of these peripheral cultural movements will be investigated based on the Nagô culture of Arkhé de Muniz Sodré, seeking to highlight the periphery soiree not only as a resistance movement against Brazilian structural issues, but also as a practice enhancing the identity strengthening of African roots in peripheral territories.

Key words: African Culture and Philosophy. Think Nagô. Periphery. Soiree.

Resumen: Esta investigación presenta reflexiones empíricas que defienden la práctica de la velada en las periferias como manifestación de rescate simbólico y continuidad del conocimiento filosófico y la cultura negra. Las huellas del comportamiento social, los principios, las producciones artísticas de estos movimientos culturales periféricos serán investigados a partir de la cultura Nagô de Arkhé de Muniz Sodré, buscando resaltar la velada de la periferia no solo como un movimiento de resistencia contra los problemas estructurales brasileños, sino también como una práctica. potenciar el fortalecimiento de la identidad de las raíces africanas en los territorios periféricos.

Palabras clave: Cultura y Filosofía Africana. Piensa en Nagô. Periferia. Soirée.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Gestão de Projetos Culturais.

² Pós-graduanda em Gestão de Projetos Culturais.

1. INTRODUÇÃO

O processo de colonização europeia é responsável pela vinda forçada de contingentes humanos da África negra para as Américas. Apesar opressão e esforço para o apagamento físico e simbólico do povo negro por parte dos colonizadores europeus no território brasileiro, pode-se reconhecer a resistência e permanência da cultura e filosofia africana, a partir das casas de terreiro, atividades sócio lúdicas como a capoeira e a música, que tem preservado durante anos essas heranças. Comunidades de africanos e seus descendentes na diáspora africana presente no Brasil, manifestam, consciente ou inconscientemente, ações sociais que preservam e reelaboram costumes, hierarquias, literatura, arte, mitologia, comportamento e valores que dão corpo à coexistência dialética da influência preta no comportamento social brasileiro. São exemplos dessas influências, comunidades quilombolas, grupos de capoeira, manifestações como blocos carnavalescos de afirmação da cultura negra, escolas de samba, saraus de periferia, o movimento hip hop presente no Brasil e todas as suas linguagens de expressão, adornos e objetos presentes na moda entre outros.

As maiores influências culturais no território brasileiro são de origem cultural africana Bantu e Iorubá. O povo de cultura Bantu foi o que mais influenciou a sociedade brasileira de maneira geral, pois foi da região da Angola (país de cultura Bantu), que mais teve africanos escravizados enviados para o Brasil, das heranças desse povo nasce por exemplo, o samba, a capoeira, o jongo entre outras manifestações. Da região da Nigéria vieram muitos dos representantes da cultura Iorubá presente no Brasil, através candomblé consolidado principalmente na região da Bahia.

Caminhamos neste estudo por um processo de reflexão, entendimento e levantamento da explicação de semelhanças e espelhamentos filosóficos africanos, presentes nas expressividades sociais de movimentos como saraus de periferia. O termo periferia/periférico presente neste artigo aparece pelo desejo específico de identificar como se manifesta simbolicamente heranças africanas nos movimentos culturais em áreas mais pobres afetadas pela má distribuição de renda, estrutura e acesso. Por isso, foi feita a escolha do movimento de sarau na cidade de Mauá, 11ª maior cidade do Estado de São Paulo e 10ª cidade mais pobre em orçamento per capita. É na cidade de Mauá, no Jardim Primavera, que acontece o Sarau Roots, movimento cultural que compõe esse estudo como referência para análise.

A luz dos estudos e reflexões de Muniz Sodré no livro *Pensar Nagô* (2017), norteamos o entendimento de relações que podem ser observadas entre a cultura africana e as práticas de sarau na periferia, considerando que esse tipo de atividade cultural abraça uma diversidade de

atividades sócio lúdicas que nutrem a continuidade da cultura negra no território e no campo simbólico das relações sociais construídas nesse contexto. Realizar uma pesquisa traçando esses paralelos é a possibilidade de oferecer uma perspectiva para o movimento cultural periférico não apenas vinculada a uma ideia de superação e resistência às agressões da estrutura capitalista, mas também enaltece-la como exemplo da continuidade da expressão da transculturalidade presente na força da perpetuação da filosofia e cultura negra.

Carregada pelos escravos e seus descendentes no decorrer da história, a matriz nagô é entendida por Sodré como um saber filosófico, que parte do entendimento de filosofia como modo de vida. Segundo o autor, a filosofia nagô é uma cultura de Arkhé que apresenta um olhar para a origem e o princípio, não necessariamente dentro de uma perspectiva temporal, mas principalmente a partir da ótica de que o princípio faz também parte do futuro. No Brasil esse pensar nagô está fortemente estruturado na perspectiva da crença através dos terreiros de candomblé, que abrigam os saberes e cultos afro, expandindo e reafirmando a prática de uma continuidade cultural do povo negro, através de sua energia potencializadora que está no centro dessa filosofia: o Axé.

De acordo com Sodré (2017, p.21):

“O pensamento nagô – um construto teórico que se estende a outras formações étnicas presentes na diáspora escrava no Brasil –mantém a particularidade de ter aqui reinterpretado um milenar patrimônio simbólico africano, dando lugar a instituições e formas de agir originais.”

A periferia no Brasil, por ser um território de presença majoritária negra, espelha e reinterpreta instituições e formas de agir originais. O sarau na periferia pode ser olhado como um movimento cultural de construção libertária que parte da união do diverso, espaço para dar-receber-devolver, individual ou coletivamente, assim como a troca simbólica nagô. Segundo Sodré (2017, p.24):

“Libertária será, assim, a busca emancipatória que conduza a formas diversas e moleculares de soberania individual ou coletiva. No âmbito brasileiro, por via da comunicação transcultural, sugerimos a possibilidade de um novo jogo de linguagem: uma filosofia ‘de negociação’ (os nagôs, como os antigos helenos, sempre foram grandes negociantes), sem entender “negócio” apenas pelo vezo moralista das trocas comandadas pelo capital e sim como também a troca simbólica do dar-receber-devolver, aberta ao encontro e à luta na diversidade.”

2. A PRESENÇA AFRICANA NA PRÁTICA DE SARAU NA PERIFERIA

Nesse estudo adoto a perspectiva filosófica nagô para nortear a exposição das ideias, pois assim como trazido por Sodré (2017, p.16):

“O que aqui apresentamos é a perspectiva de um modo afro de pensar tipificado no sistema nagô, que é de fato uma forma intensiva de existência (forma em que a passagem do biológico ao simbólico ou ao ‘espiritual’ é quantitativamente significativa), com processos filosóficos próprios. ‘Afro’ não designa certamente nenhuma fronteira geográfica e sim a especificidade de processos que assinalam tanto diferenças para com os modos europeus quanto possíveis analogias.”

Partimos fielmente da perspectiva de um olhar fundamental dentro da filosofia nagô, que é o olhar para a origem. Encontra-se registros da atividade de sarau por volta do século XIX tanto na Europa como nas Américas, traduzida na roupagem de encontros da alta sociedade, em casas de pessoas reconhecidas, em clubes e livrarias, espaços que legitimavam e tornavam a criação dos artistas pública para aprovação de um meio social elitista e aristocrático, reconhecido como intelectuais da época. Do ponto de vista etimológico, a palavra sarau deriva do latim *sérum*, que significa “tarde”, período em que se davam esses encontros. No início do século XX, na cidade de São Paulo, o salão Villa Kyrial era considerado um dos espaços mais importantes em referência de sarau:

“O salão da Villa Kyrial, que, provavelmente, foi o berço do ‘nascimento’ da Semana de 22, era um dos mais importantes da época para os artistas paulistas. A chácara do gaúcho José de Freitas Valle, que foi para São Paulo para estudar Direito, era, na década de 1910, ponto de muitos artistas, e também o local onde se organizavam saraus literários, audições musicais, banquetes e ciclos de conferências dos quais participavam Lasar Segall, Guilherme de Almeida, Blaise Cendrars, Oswald de Andrade e Mário de Andrade, dentre outros.” (Tennina, Lucía, *apud* Silva, 2004, p. 24).

No começo do século XXI, a atividade de sarau passa por um processo de deslocamento social e ressignificação a partir da cultura letrada, literatura marginal. O movimento de sarau se recria nas periferias, assumindo e atingindo patamares que transcendem a dinâmica de sua origem. Tal movimento sai da construção de uma atividade cultural integrada pelo colonizador para propagar suas ideias de padrões filosóficos ocidentais e legitimar sua superioridade humana e filosófica. No território periférico, característico de moradia para a população negra e de baixa renda, o sarau assume a amplitude de potência educacional, filosófica e social de abertura de perspectiva de existência diversa em meio às trocas sócio lúdicas e afro simbólicas. É a formação de um terceiro corpo que inclui a todos e dialoga com o entendimento do

enfrentamento conjunto “a questão do sensível pode ser posta num primeiro plano quando se considera, junto com pensadores africanos” (Sodré, 2017, p.16).

A oralidade, além de fundamentar as trocas da prática de sarau, também pode ser reconhecida como um tradicional recurso de perpetuação de ritos e saberes da cultura negra nagô no território brasileiro. Para Sodré (2017, p.18):

“Há um abismo entre o abstrato reconhecimento filosófico do outro e a prática existencial de aceitação de outras possibilidades humanas – o acolhimento da diversidade, num espaço de convivência. Sem esta prática, ideias grandiosas podem omitir-se diante de realidades desumanas como os gulags e os genocídios.”

Neste estudo a oralidade é reconhecida como um recurso ancestral de perpetuação da cultura negra, que age no sensível das pessoas que vivem a experiência de sarau. É através da relação com a oralidade que o indivíduo também perpetua sua arte. Ainda que os movimentos de saraus urbanos recebam as mais diversas atividades sócio lúdicas, as expressividades desses espaços se constroem principalmente a partir de manifestações orais que servem de instrumento para uma legitimação da relação com a liberdade de expressão social nesse território cultural, e não do ponto de vista de autenticidade de uma arte ou saber por soberania trazida pela perspectiva filosófica ocidental.

A partir dessas reflexões de traços gerais da cultura africana, pode-se entender dentro do campo simbólico e sensível, quanto do saber perpetuado no Brasil dá base consciente ou inconsciente para que as expressividades humanas dos saraus de periferia resistam e perpetuem. O movimento de sarau na periferia é discussão social, reflexões através da manifestação da arte, representando importante papel de ruptura das formas de educação que distanciam o ser social de sua consciência de relação simbólica com a cultura negra. Sobre a organização da atividade sarau na periferia, pode-se empregar mesma visão de Nei Lopes em relação ao Teatro Experimental do Negro de Abdias do Nascimento.

“No fundo, o que seus idealizadores querem mesmo - e fazem - é alfabetizar, organizar o povo das favelas, preparar os estudantes contra o racismo nas escolas... Enfim, dar consciência e cidadania aos pretos e mulatos, notadamente às mulheres, duplamente oprimidas, pela origem e pelo sexo.” (LOPES: 2015. p.46)

O Manacá Roots Bar e Lava Rápido³ espaço criativo de múltipla funcionalidade, localizado na cidade de Mauá- SP, contribui para a comunidade do entorno, democratizando o uso do espaço a partir também de outros elementos ali presentes além do serviço de lava rápido e bar. O local possui uma biblioteca comunitária e a disponibilização gratuita do direito de uso do espaço para encontros, ensaios abertos de bandas e eventos. Esses elementos e a dinâmica

³ Endereço: Av. do Manacá, 1053 - Jardim Primavera, Mauá - SP, 09361-110

de funcionamento torna possível entender o local como um território cultural. O movimento cultural Sarau Roots, é acolhido por esse espaço semanalmente às quintas-feiras a noite. O Sarau Roots surgiu a partir de uma inspiração pelo impacto cultural da prática de sarau no Jardim Zaíra, o maior bairro da cidade de Mauá em extensão e volume de população. Nesse bairro abriga-se o Sarau do Tapete, um importante movimento cultural da cidade que a três anos, todas às segundas-feiras, a noite, reúne seres sociais para expressar arte de maneira diversa.

Assim como a maioria dos saraus de periferia, o Sarau Roots é um acontecimento cultural que constrói possibilidades de escuta social e respeito entre as pessoas, a partir da valorização de quem elas são e de sua arte. Carrega uma perspectiva acolhedora para o agora, de pessoas que vivem segregadas em um bairro marginalizado da cidade. O Sarau Roots, assim como a filosofia nagô, é construído a partir de um contexto de total horizontalidade entre os frequentadores do espaço. Um exemplo dessa característica, destaca-se a participação de crianças, que por lá ficam à vontade e tem expressividade e direito de escuta. A existência de um ambiente na periferia com crianças totalmente livres pode ser entendido como sinal de que nesse espaço se constrói o sentimento de igualdade e pertencimento sensivelmente carregado pela procura de construir a perpetuação dos saberes nagô.

No Sarau Roots dialoga-se com outra perspectiva filosófica de forma consciente ou inconsciente, a partir das relações que ali se estabelecem, e isso é o pensar nagô, isso é a perspectiva da inclusão partindo da aceitação do diverso, da criança ser de todos, responsabilidade e parte, valorizar tanto o mais velho quanto os mais novos. É um espaço que traz a dualidade da presença não presente das pessoas, através de suas artes e de suas presenças enquanto indivíduos os seres sociais se perpetuam através de laços de expressividade construídos através desse movimento cultural livre.

Em muitos momentos nesse sarau sente-se a atmosfera de aquilombamento apresentando nuances do que se pode sensivelmente entender como presença de Zumbi no contexto amplo da força de um alinhamento de ideias no encontro de pessoas, de harmonia e aquilombamento cultural, e essa é uma das grandes características nagô presente na cultura de sarau na periferia. A cultura nagô parte do diverso, é construir o acolhimento do diverso, vivendo a cultura de sarau conseguimos ter o discernimento de que enquanto seres humanos conseguimos sim promover momentos para nos vermos e estarmos como iguais, não conseguimos isso na sociedade estrutural capitalista, mas naquele espaço de sarau é sensivelmente possível.

A primeira visita da pesquisadora ao espaço foi em uma quinta-feira de Sarau, ao chegar sozinha no evento depara-se com acolhimento e carinho dos participantes, boas vindas e incentivo à participação ativa no Sarau com alguma expressão de contribuição, não necessariamente artística. Nesta primeira experiência foi possível sentir que estava em um espaço de livre expressão, sem determinação ou manipulação da manifestação que poderia ser feita por qualquer indivíduo presente durante o evento. A presença dos instrumentos musicais como tambores e pandeiros, promovem muitas manifestações artísticas de origem negra, como cantos para orixás, improvisos de rimas, canto de sambas. Não faltando espaço para abarcar também a leitura e declamação de poesias ou para apresentações artísticas de malabares e dança.

Por se tratar de um bairro periférico de maioria populacional negra, de maneira empírica a cada retorno da pesquisadora ao Sarau, foi possível perceber que a diversidade cultural do ambiente não apresenta limites assim como na Cultura Nagô evidenciada no livro *A Verdade Seduzida*, de Muniz Sodré que evidencia um princípio de compreensão e respeito mútuo do todo. O sarau é um ambiente de segurança e tranquilidade para crianças, adolescentes e adultos. Esse território cultural de forma livre e horizontal permite que os indivíduos dividam seus conhecimentos musicais, culturais e de existência. Torna-se possível assim enxergar em espaços como esse o ultrapassar das barreiras da expressividade que silencia as periferias e afasta a comunidade de se relacionar e valorizar seus próprios conhecimentos e pensamentos. Neste espaço avistam-se crianças que estão aprendendo a ler, à vontade para ler uma poesia para todos os presentes, pessoas espontaneamente interessadas em conhecer os instrumentos musicais presentes no local, destaca-se também a presença de adolescentes que tem maior interesse nos conhecimentos divididos naquele espaço que na escola, pelo fato de ali não haver nenhuma barreira discriminatória frente ao seu conhecimento.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa apresenta-se um pouco, do muito de África, que os movimentos de sarau na periferia carregam simbolicamente, na sua maioria. Amplia-se o olhar para as manifestações culturais na periferia a partir da ótica filosófica africana trazida no livro *Pensar Nagô* de Muniz Sodré, um olhar para os valores simbólicos negros que estão no cotidiano da diáspora africana presente no Brasil, a obra apresenta reiteração e perpetuação dos saberes filosóficos e comportamentais de África a partir das práticas dos terreiros de candomblé espalhados por todo país.

No lugar do terreiro nesta pesquisa, temos o Sarau Roots movimento observado como modelo de tradução da potência simbólica que é poder reconhecer em movimentos culturais periféricos formas de observar, acessar e traduzir África.

Tudo que foi levantado e tratado nesse estudo está pautado nas premissas do saber filosófico nagô de dar-receber-devolver, experiência e existência, sem expectativa de esgotamento das leituras que cada ser pode ter a partir das manifestações sócio culturais como encontros de sarau, que nessa produção é trazido na perspectiva de manifestação cultural negra, ainda que sua origem enquanto prática cultural esteja vinculada historicamente a uma elite artística branca formadora de opinião única, a escravocrata e colonial. Diante das relações inesgotáveis que podem ser traçadas para considerar que a prática de Sarau se deslocou entre as classes e, na contemporaneidade, é mais viva e praticada nos territórios urbanos e periféricos como berço de resistência e acalento para a manifestação humana do diverso.

REFERÊNCIAS

- BÂ, Hampaté A. A Tradição Viva In: VERBO, J-KI: **História Geral da África**, São Paulo, Ed. Ática: 1987.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós – modernidade**.- Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte/Brasília: Editora UFMG/Unesco, 2006.
- RANCIERI, J. **A partilha do sensível**. S. Paulo: Editora 34,2005
- LOPES, Nei. **Bantos, Malês e identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.
- LOPES, Nei. **Rio Negro, 50**. Rio de Janeiro: Record, 2015
- SANTOS, D., & Santos, J. (1993). **A cultura nagô no Brasil - Memória e continuidade**. Revista USP, (18), 40-51.
- SEVERINO, Antônio Joaquim, 1941- . **Metodologia do trabalho científico -- 1. ed. --** São Paulo : Cortez, 2013
- SILVA, F. G.; RADIC, L. M. R.; SILVA, M. G. DA; FONSECA, P. M. O. **Saraus contemporâneos: a importância dos saraus como espaço político de socialização**. Cadernos CESPUC de Pesquisa Série Ensaios, n. 29, p. 150-167, 20 mar. 2017.
- Site Oficial Prefeitura de Mauá <<http://maua.sp.gov.br/PerfilMunicipal/>>. Acesso em: 15 jun. 2020
- SODRÉ, M. **Pensar nagô** / Muniz Sodré. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2017.
- SODRÉ, M. **A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil**. – Rio de Janeiro, RJ: DP&A. -- 3. ed.-- 2005.
- SODRÉ, M. **Terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.
- TENNINA, Lucía. **Saraus da Periferia de São Paulo: Poesia entre tragos, silêncios e aplausos**. est. lit. bras. contemp., Brasília, n. 42, p. 11-28, jul./dez. 2013.